

# O lockdown e a insansatez do presidente Bolsonaro

O chefe da nação pensa em sua sobrevivência política, almejando antes sua reeleição do que a preservação de vidas. Assim, o debate ficará sempre enviesado e os indivíduos perecerão

**Glauco Silva de Carvalho**  
19 de maio de 2020

TV BRASIL



Jair Bolsonaro faz pronunciamento à nação sobre a pandemia do novo coronavírus

No momento em que este boletim estiver sendo divulgado, já teremos mais de 16 mil mortos pela Covid-19 no Brasil. Em exatos dois meses, saímos do zero para um dos mais altos patamares de difusão do novo coronavírus, bem como do seu índice de mortalidade. E a curva é ascendente. A insensatez, a estupidez, a ignorância e a obliteração do Exmo. Sr. Presidente da República Federativa do Brasil em muito contribuem para o quadro mórbido e deplorável por que passa a Nação.

Nesse sentido, quando falamos em *lockdown*, temos que ter em mente a situação dos milhões de brasileiros que serão atingidos por esse tipo de medida, que é cada vez mais urgente. Sei que há médicos conceituados contrários à medida e, ainda que sejam minoritários, eles existem e devem ser ouvidos e respeitados. Discutir formas alternativas de isolamento social não é nenhum problema, ainda que eu, apesar de leigo no assunto, por leituras, acredite que o *lockdown* seja a única opção para preservar a vida de milhares de brasileiros. O debate, por si só, é válido e vantajoso para todos.

Há duas semanas, pedi a um amigo que se preparasse para o que virá pela frente. “Talvez tudo venha a parar para preservar a vida das pessoas e evitar a propagação da doença”, eu disse a ele, que me respondeu, preocupado: “Como? Eu trabalho de manhã para comer a noite”. Ele se chama Edilson Lourenço dos Santos, um baiano de 46 anos. Perdeu sua mãe, que morreu em seu colo, quando tinha apenas nove anos de idade. Morava, então, num vilarejo na Chapada Diamantina, estado da Bahia. A partir da morte de sua genitora, assim como milhões de outros brasileiros e brasileiras, sua sorte e seu destino estavam traçados. Jamais teria uma família no sentido literal do termo. Jamais teve o afeto, o amor, o carinho e a comodidade de um lar.

Numa de nossas muitas conversas, perguntei-lhe sobre seu pai, se ele não se preocupou em educá-lo e em acolhê-lo. Confesso que, por meu natural jeito de ser, passara-se quase um ano de convivência para que eu pudesse insinuar tal pergunta. Mas aquilo me encucava. Qual teria sido o rumo de vida dele após a morte de sua mãe se, ao que tudo se indicava, sua trajetória de vida fora uma tragédia.

Tais questionamentos se avolumaram quando enviei mensagens escritas a ele, via WhatsApp, que não foram respondidas. Eu ficava, não raras vezes, enfurecido com sua atitude. Por educação, deixava passar. Mas, certa feita, cobre-lhe uma posição. Perguntei-lhe se aquilo era desprezo ou desdém. Ao que ele, extremamente constrangido, disse-me que era analfabeto. Eu lhe pedi desculpas e, a partir daquela resposta, só enviava mensagens de voz. Mas desse dia em diante, um entardecer de sábado, que me marcaria doravante, pudemos conversar longamente.

Ele é um entre 50 filhos! Quando ouvi isso, achei que pudesse estar enganado, ou que ele tivesse algum problema psíquico. Repeti a pergunta e ele manteve a resposta. Não acreditei muito, mas a conversa fluiu. A partir dos nove anos de idade, Edilson teve que se virar sozinho. Sim, sozinho. Sem a ajuda e sem o calor de uma família. Com nove anos, tornou-se domador de burros, que, segundo ele, é pior do que domar cavalos selvagens. Por conta dessa atividade, ainda hoje possui uma enorme cicatriz no joelho, fruto de um coice de burro, ou jegue, nem me lembro mais. Foi-se mudando de estado para estado, até vir parar em “Sum Paulo”. Tomou tiro. Passou fome. Foi vítima de arbitrariedades e de um destino injusto, que nem por isso lhe tira o sorriso e a alegria de viver.

Conheci, logo depois, outros dois de seus irmãos. Certo dia, quando ele não estava por perto, perguntei a um deles: “Cara, é verdade que vocês têm 50 irmãos ao todo?”. Eu estava crente que havia algum equívoco, e que a racionalidade se imporia. Qual não foi minha surpresa quando seu irmão me respondeu que sim, eles eram ao todo em 50 irmãos e irmãs! Falei: “Caramba, mas que mãe mais ‘abençoada’ que vocês tiveram, hein!” Não, não era de uma só mãe, eram múltiplas mulheres. Os filhos, cujas mães morreram, tiveram a sorte mudada para uma tragédia de vida pessoal e profissional.

“Gago”, como é chamado Edilson por seus amigos, e não precisa explicar o porquê do apelido, é um exemplo típico de centenas de milhares de brasileiros. Pobre, vivendo de forma muito humilde, abandonado pela mulher que lhe deixou dois filhos para criar, analfabeto, trabalhando em subemprego, explorado, desconsiderado em seus direitos (trabalhou por 11 anos e nunca teve a carteira assinada), é o exemplar que o Brasil, seu povo, seus governantes devem pensar e focar seus esforços.

E aí entra minha crítica acentuada ao presidente Jair Bolsonaro, sobretudo por sua absoluta *ignorância* acerca da doença e de suas consequências. Não me furto a um bom debate, ainda mais sendo marido de uma médica, professora-doutora do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Santa Casa de São Paulo. O posicionamento contrário do presidente às medidas de isolamento só agrava a situação de brasileiros que, por sua condição socioeconômica, não têm acesso a bons serviços médicos, tendo como única salvação o combalido sistema público de saúde que, aliás, diga-se de passagem, é sua tábua de salvação.

O que me irrita profundamente na conduta do presidente é seu descaso com a doença. E, principalmente, para com os seres humanos que estão morrendo nos corredores de hospitais, sem tratamento, sem atendimento, sem medicamento, sem atenção básica de suporte à vida, como dizemos no Corpo de Bombeiros. Seu desdém para com o ser humano é repugnante. Uma afirmação de que a pandemia é uma “gripezinha”, além da frase que ao mesmo tempo desqualifica uma categoria profissional e mostra sua insensibilidade, quando fala “não sou cozeiro”. Diante disso, fica evidente seu completo despreparo para conduzir a Nação quando afirma que “não adianta a imprensa querer colocar na minha conta essas questões que não cabem a mim” ou “e daí, quer que eu faça o quê?”.

Nesse caso, o mais apropriado a fazer, respondendo à sua indagação, para o bem do senhor e de todo um povo, seria sua saída. Mas o rito constitucional e processual deve, numa democracia, ainda que com um inescrupuloso no exercício do poder, ser respeitado e preservado. Bolsonaro poderia qualificar o debate. Usar argumentos sólidos, fundamentados, sérios para impor a divergência num país empobrecido e desigual como é o Brasil. Todos sabemos que o lockdown não terá prosperidade no País, mas também é de conhecimento de todos que a situação atual já fez com que funcionários de prefeituras fossem agredidos nas periferias das grandes cidades. É inevitável!

O que Bolsonaro faz é apenas pensar na pressão que sofre de segmentos privilegiados que lhe têm acesso, ou em sua sobrevivência política, almejando antes sua reeleição do que a preservação das pessoas. O debate ficará sempre enviesado. E os indivíduos -- com CPF, RG, endereço, filhos, parentes e pais -- perecerão. Bolsonaro não está à altura do cargo ao qual foi alçado, diga-se de passagem, de forma legítima e legal.

Por longos 35 anos, cumpro à risca os ditames corporativos da Polícia Militar, Instituição a qual eu muito me orgulho de ter servido. Agora, na reserva, me permito o direito de, inclusive, discordar da maioria de meus colegas. É o jogo jogado. Espero contribuir para o debate e para levantar questões que, por sua natureza e profundidade, vão "tocar" em pontos delicados, quer seja da dita direita, ou da dita esquerda. É isso que vale a pena nesse mundo.

**Glauco Silva de Carvalho**

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

---

[https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iyxs-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q - 7as9i-47ny-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-s2fpt](https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iyxs-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q-7as9i-47ny-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-s2fpt)

